

Transver sendo: Observações sobre a exposição “Caleidoscópio: Cotidiano em Movimento”, Rio de Janeiro (2023-2024)

Laís Lara

Universidade Federal Fluminense (UFF-PPGCA), Brasil
laisplara@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0005-3728-3934>

RESUMO O texto oferece uma leitura da exposição “Caleidoscópio: Cotidiano em Movimento”, patente no Centro Cultural dos Correios do Rio de Janeiro entre o final de 2023 e início de 2024. Para tal, proponho um diálogo entre exposições, curadorias e práticas da videoarte a partir dos campos do cinema expandido e das artes visuais, culminando no que entendo por *audiovisual contemporâneo*.

PALAVRAS-CHAVE Videoarte; audiovisual contemporâneo; curadoria; lugar; não-lugar.

“É preciso transver o mundo”, disse o poeta Manoel de Barros (1996).¹ “Caleidoscópio: Cotidiano em Movimento”, a exposição apresentada, no Rio de Janeiro, entre o final de 2023 e início de 2024 é um convite a *transver* o cotidiano a partir de uma curadoria que expande as possibilidades de estilos e temáticas. Apesar de cada espectador ter uma sensação distinta, como é costume em uma exposição, nestas entrelinhas expostas, acreditamos que ninguém sairá incólume ou apático, pois todos somos ou seremos atingidos de alguma maneira. É como pegar um giz de cera e colocar em uma caixa com tantos outros gizes, de variados tamanhos, cores, formatos e materiais. Ao entrar na caixa, passado o devido tempo, todos os gizes em contato e atrito recebem cores e textura a partir dos outros gizes. É mais ou menos isso que acontece quando entramos em uma sala de exibição de videoarte, e, em particular, da exposição em tela. O tema, que a princípio pode parecer banal, revela-se

¹ Cito: “Arte não tem pensa: O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo.” Poema “As lições de RQ” (Barros 1996, 75).

Aniki vol. 11, n. 2 (2024): 239-245 | ISSN 2183-1750 | doi: 10.14591/aniki.v11n1.1080

Publicado pela AIM com o apoio do IHC, NOVA-FCSH. Financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito dos projectos UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020 e LA/P/0132/2020. © Autor(es).

de grande relevância e potência avassaladora, *estetizando* o cotidiano e contemplando o que, a princípio, “está no limbo das atenções”.²

A exposição “Caleidoscópio: O cotidiano em movimento” contou com cerca de sessenta e três artistas e cinquenta e seis obras com um pouco mais de três horas de exibição em looping. Dividida em três etapas, a mostra teve seu espaço no Centro Cultural dos Correios do Rio de Janeiro, um sítio expositor importante dentro do circuito artístico brasileiro. Localizado no corredor cultural da cidade do Rio de Janeiro, o Centro conta com salas de exposição (“cubo branco”), sala para mostras audiovisuais e um teatro recém-inaugurado. Importa destacar as características do espaço dado o entendimento de que o formato “centro cultural” vem ganhando cada vez mais notoriedade no campo expandido das artes devido às suas possibilidades transdisciplinares.

A cena de videoarte em território nacional teve algumas fragilidades no que tange a circulação, exibição e exposição. Por um lado, vivemos um período de pós-pandemia com muitas dúvidas, ao mesmo tempo em que irrompiam inquietantes desejos de encontros com seres e materialidades para além das telas e das diversas mostras online. Por outro lado, se, no início da pandemia, as mostras online foram um porto de segurança, fuga e encontros virtuais, sabemos que se trata de uma outra vivência e uma outra experiência de fruição. Ávidos pela experiência expandida cinematográfica e das artes visuais, artistas de todo país passaram a buscar espaços físicos para mostrar o seu trabalho. Produtores culturais e curadores iniciaram, assim, o que podemos chamar de “nova outra onda” da videoarte na cidade do Rio de Janeiro, fomentando a produção em todo o país. A partir dessa força de diversos grupos e territórios, entendemos que o movimento da videoarte em espaços expositivos vem a cada momento tomando maior fôlego e, neste sentido, gostaríamos de discorrer nestas breves “(entre)linhas” sobre a exposição supracitada. Para tanto, entendemos ser necessário abordar três pontos que consideramos fundamentais para pensar um pouco mais sobre a potência da exposição em tela e da cena artística cinematográfica: uma curadoria viva; exposição/exibição e audiovisual contemporâneo.

² A expressão é de Cao Guimarães: “Tem tanta coisa que rodeia a gente que ‘tá’ num certo limbo das atenções, né... das pessoas”. “Ver é uma Fábula”, Mostra individual no Itaú Cultural (2013).

A curadoria

Com curadoria, pesquisa e produção de Amanda Leite e Cota Azevedo, através da Plural, a exposição teve um grande impacto devido à enorme diversidade de obras selecionadas e exibidas.³ Estas refletiam distintas linguagens técnicas em suas realizações, o que nos chamou bastante a atenção. Ao se tratar de uma exposição de videoarte, a curadoria assume um certo risco, doloroso e delicioso ao mesmo tempo. Apesar desta ‘linguagem artística’ – a expressão visa um melhor entendimento do objeto e fluidez didática no texto – estar em crescimento e expansão desde meados do último século, sabemos que ela ainda é um território volúvel, até mesmo desconfiado. Assim, realizar um processo curatorial de uma exposição desta monta, com essa variedade de artistas, é chamar para si certos riscos. Contudo, como diria um autor desconhecido das ruas cariocas: “a arte é risco”. Deste modo, Amanda Leite e Cota Azevedo arriscaram um vôo lindo e potente.

Ao contar com uma pluralidade de obras, a exposição nos oferece uma perspectiva promissora do que vem sendo produzido cinematograficamente no Brasil na atualidade. Vale destacar que não houve somente artistas brasileiros, como também artistas de Portugal e França. Importa ainda salientar que, para um país com dimensões continentais como o Brasil, as curadoras fizeram um esforço para trazer regiões brasileiras que extravasam o eixo Rio-São Paulo, o que, para uma produção e curadoria independente, é um grande feito no contexto atual do país.

A partir da análise da curadoria pudemos perceber um encontro entre artistas mais iniciantes e artistas mais estabelecidos no campo das artes. Para muitos, isso poderia parecer absurdo ou “apequenador”, mas para nós é um dos pontos mais fortes da curadoria da Plural. O encontro entre gerações de artistas tende a fortalecer o campo, inspirar e potencializar as artes e os artistas. Além desse ponto, pudemos sentir na tela uma pulsação cinemática bonita, composta por olhares esperançosos, provocativos, estéticos e políticos.

O pensamento de dividir a exposição em etapas gerou bom dinamismo, além de ser um ato provocativo para mais encontros entre artistas, mais

³ Plural é uma parceria entre duas mulheres com a proposta de realizar curadoria, produção, pesquisa e difusão da arte contemporânea. Guiadas por uma filosofia plural, sua visão é moldada pelo desejo de ampliar a expressão artística para diversos territórios.

produção e mais público. As etapas foram: “Caleidoscópio: O Cotidiano em Movimento” (I) *Revelações Cotidianas*; (II) *Cotidiano em Transformação*; e (III) *Entrelinhas do Cotidiano*.

Em *Entrelinhas do Cotidiano*, a curadoria selecionou uma diversidade interessante, não muito grande nem muito pequena. O que mais chamou a atenção foram os vídeos com o “uso das palavras” enquanto dispositivos narradores, sonoridades, território sonoro, bem como entrevistas em espiral, isso para destacar algumas poéticas. Com efeito, a observação do uso das palavras nas *Entrelinhas do Cotidiano*, foi algo que se destacou surpreendentemente e de forma interessante, pois a cena da videoarte e seus afins (cinearte, cinema de artista, cinema expandido, cinedança, videodança, etc.) durante um certo período deixou de fora do processo a palavra – não tanto fora do quadro ou no extracampo, mas fora do processo de produção em si, pelo menos nas últimas exposições que pudemos presenciar. Acreditamos, portanto, que este foi um grande diferencial potenciador desta curadoria: a palavra. Achamos pertinente citar Antonin Artaud sobre a importância das palavras:

Mas, se voltarmos, por pouco que seja, às fontes respiratórias, plásticas, ativas da linguagem, se relacionarmos as palavras aos movimentos físicos que lhes deram origem, se o aspecto lógico e discursivo da palavra desaparecer sob seu aspecto físico e afetivo, isto é, se as palavras em vez de serem consideradas apenas pelo que dizem gramaticalmente falando forem ouvidas sob seu ângulo sonoro, forem percebidas como movimentos, (...) a linguagem da literatura se recomporá, se tornará viva. (cit. Uno 2014, 10)

A proposta realizada por Amanda Leite e Cota Azevedo foi viva, expansiva e catalisadora. Além da poética sonora da palavra, observamos outras qualidades e variações da linguagem cinematográfica, abordando mais diretamente a imagem “estática” (através da fotografia) e o movimento (através da linguagem performática). Houve obras que poderiam ser cunhadas de videoperformance bem como videodança, outras como videopoema, outras como curta documental, dentre outras possibilidades. E é neste sentido que falávamos em cima sobre a complexidade de fazer uma curadoria em videoarte, pois este tipo de curadoria relaciona-se e afeta a noção de *transbordamento* entre cinema e as artes visuais. Longe de preciosismos que possam querer agrupar em caixas tais fazeres, esta curadoria, pelo contrário, abarcou todas as possibilidades do campo da videoarte, que por si é um campo em

expansão, um campo de possibilidades. A proposta curatorial que vemos em “Caleidoscópio: Cotidiano em Movimento” conseguiu, portanto, conectar uma arte que está no “*entre*”: entre cinema e artes visuais, entre cinema e performance, entre cinema e outras formas de expressão – com as propostas do cotidiano e o afeto do banal. Em um trajeto quase coreográfico, a fruição das obras tornou-se fluida, gerando sensações de identidade e alteridade nos espectadores ativos. Como o cineasta e artista plástico brasileiro Cao Guimarães recordou,

[u]ma exposição é um momento de imersão. Você cria pensando no trajeto do espectador no espaço físico da galeria e entre obras; pensando nos vínculos entre trabalhos, tanto novos quanto antigos, que até então funcionavam isoladamente. E está relacionada com o que está vivendo naquele momento. (cit. Lins 2019, 143)

Videarte, imagem em movimento ou audiovisual contemporâneo: os “*entre*”.

Para compreender um pouco melhor a amplitude de estilos das obras exibidas nesta exposição, torna-se necessário fazer uma breve incursão nesse território ainda em dilatação e exploratório que é o campo expandido da Imagem em Movimento. É interessante pensar nas propostas do fazer artístico da e na Imagem em Movimento, i.e., nas propostas que advêm da própria artesanania do processo. Como referimos em outros momentos deste texto, muito se tem chamado à videarte de cinema de artista “cinema expandido” ou “cinema experimental. Neste caso, para fins de se pensar na produção atual, buscando uma forma, uma espécie de território-guarda-chuva, gostaríamos de evidenciar o ponto *audiovisual contemporâneo*, por acreditar ser uma proposta mais abrangente para as produções mais recentes.

Porquê o audiovisual contemporâneo? Interessa-nos pensar todo o processo artístico da realização da obra audiovisual, desde sua virtualização, sua ideia, até a sua exibição/exposição, no momento de sua ativação pelo espectador, como é o caso da ativação realizada na própria exposição em evidência. Deste modo, a noção de *audiovisual contemporâneo* pode ser expansiva e abarcar um sem-número de processos. Ademais, nos inspiramos em parte pelo conceito que nos propõe o filósofo italiano Giorgio Agamben (2009), por não perceber as luzes que provém dos processos que compõem o ‘contemporâneo’, mas

enxergar suas obscuridades. Partindo do desejo de trazer à luz as virtualidades do contemporâneo, dos lugares ocultos, dos pontos que não conseguimos ver, mas intuimos, libertamos o espectador para fruir e intuir tais pontos com seu afeto e se entender no exato momento em que entra em relação com a obra. É por saber que nem tudo nas obras é apreendido de uma única forma – ou mesmo se poderão ser passíveis de apreensão, e, que nem todo intervalo será capturável – que “Caleidoscópio: Cotidiano em Movimento” nos pareceu tão cativante. Citando o filósofo italiano:

Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar mas não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo. Por isso os contemporâneos são raros. E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar.” (Agamben 2009, 65)

Assim, para melhor entendimento, vamos sugerir e lembrar, aqui, que o audiovisual contemporâneo, principalmente no presente recorte e em território brasileiro, trata de um transbordamento do cinema em outras áreas e campos artísticos. Importa afirmar que isso não significa a adoção de uma linguagem híbrida, mas sim, um transbordamento do cinema onde as bordas deste com as outras artes ficam borradas, causando uma forma de desterritorialização, um lugar e um não-lugar do audiovisual. Tais transbordamentos e intersecções estão entre os campos das artes visuais, dança e performance. Em outras palavras: Artes do Movimento; imagem, corpo, tempo, espaço, sonoridades, escuta, intuição – ou, na presente apreciação, videoarte, tanto por se tratar de uma exposição com trabalhos nesse formato, como por estar dentro deste território abrangente do audiovisual contemporâneo.

Dito isto, podemos pensar num campo suspenso dessas obras e de suas circulações, que podem ocorrer em festivais de cinema, sala de cinema ou, como em boa maioria dos casos, em salas de galerias e de museus, como no caso aqui analisado.

Em “Caleidoscópio: O cotidiano em movimento” encontramos esta pluralidade não somente no estilo “fílmico”, como também numa variedade de técnicas de exploração de ângulos, tempos, narrativas, através do uso da animação, da inteligência artificial e de vídeos

realizados na vertical. Cada obra exibida – com suas minúcias, miudezas e detalhes ético-estéticos – trouxe à tela questões importantes e muito caras ao campo das artes contemporâneas e do cinema. A exposição realizada pela Plural contribui não somente como provocação, mas também para percebermos esta nova onda estética do audiovisual contemporâneo, os novos modos do fazer e exibir tais obras se expandindo em território nacional. Ademais, percebemos que a força de uma curadoria diversa e a potência do encontro entre artistas pode ser agente catalisador da imagem em movimento (e seus *etc.*) na contemporaneidade.

Referências

- Agamben, Giorgio. 2009. *O Que é o Contemporâneo? E Outros Ensaios*. Chapecó-SC: Argos.
- Barros, Manoel. 1996. *Livro Sobre Nada*. Rio de Janeiro: Alfaguara.
- Lins, Consuelo. 2019. *Cao Guimarães: Arte Documentário Ficção*. Rio de Janeiro: 7 letras.
- Guimarães, Cao. 2013. “Ver é uma fábula”. Mostra audiovisual Itaú Cultural. São Paulo. <https://www.youtube.com/watch?v=n88Ieqcy1Rw> (último acesso 01/07/2024).
- Uno, Kuniichi. 2014. *A Gênese de um Corpo Desconhecido*. São Paulo: n-1 Edições.

Transver sendo: Observations on the exhibition “Caleidoscópio: Cotidiano em Movimento”, Rio de Janeiro (2023-2024)

ABSTRACT The text discusses the video art exhibition “Kaleidoscope: Everyday Life in Motion”, which took place in the Centro Cultural dos Correios do Rio de Janeiro, in this Brazilian city, from late 2023 to early 2024. To this end, I propose a dialogue between exhibitions, curators and video art practices from the perspective of the fields of expanded cinema and visual arts, culminating in what I understand as “contemporary audiovisual”.

KEYWORDS Videoart; contemporary audiovisual; curation; place; non-place.